

Discurso do Ministro Jorge Coelho

As minhas primeiras palavras são de agradecimento, de sincero agradecimento.

Agradecimento, em primeiro lugar, às muitas pessoas que conosco quiseram partilhar este Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Agradecimento a todos aqueles que pelo seu esforço e pelo seu trabalho tornaram possível esta Sessão Solene. Permitam-me que deixe aqui uma palavra de apreço e de gratidão ao Senhor Presidente do Real Gabinete Português de Leitura e Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, Dr. António Gomes da Costa, que, com a hospitalidade que lhe é habitual, nos recebe, mais uma vez, nesta prestigiada casa.

Sob a égide do grande poeta Luís de Camões, comemora-se em todo o mundo onde há portugueses ou luso-descendentes, o Dia de Portugal. É uma oportunidade para evocar a Diáspora portuguesa e a universalidade de uma cultura e de uma língua que a todos nos une: desde a Europa à América, desde a África à Ásia, até o Extremo Oriente, Macau e Timor.

Comemorar Camões, é honrar uma memória, a memória de um povo vocacionado para o diálogo e intercâmbio cultural; um povo de mediadores, que por um conjunto de circunstâncias soube, a partir do século XV, construir o “Encontro Transcontinental” e dar novos mundos ao mundo, cruzando os mares, ao encontro dos universos civilizacionais do Atlântico e do Mediterrâneo, do Índico e do Pacífico, partindo e regressando, levando e trazendo, num enriquecedor intercâmbio de povos, culturas, línguas e produtos que, integrados na nossa cultura, cinzelaram o modo de ser e de estar português.

Comemorar Camões, é exaltar Portugal como mensageiro do mundo, é reviver um passado, onde, por vezes, se misturaram conflitos e contradições. Mas é, também, e sobretudo, afirmar o Portugal Europeu, moderno e coeso, virado para o progresso e abertos aos desafios do futuro. É afirmar o Portugal democrático e livre, defensor dos direitos humanos, respeitador da liberdade e da dignidade dos povos.

Permitam-me que, neste momento, recorde o povo martirizado de Timor-Leste e os esforços determinados do Estado português em tudo fazer para que se concretize o direito à autodeterminação e se cumpra o direito elementar que os povos têm a viver em paz e em estabilidade.

Mas assinalar o Dia de Portugal, hoje, no Brasil, no Rio de Janeiro, é também homenagear a Comunidade Portuguesa, o seu trabalho e a sua obra importantíssima na construção do Brasil moderno.

Direi que a obra feita pela Comunidade Portuguesa no Brasil torna-se visível nas suas instituições centenárias, fruto da dedicação e do trabalho dos portugueses que as souberam levantar e manter, contra todas as dificuldades.

São instituições que prestigiam no Brasil o nome de Portugal e a reputação dos portugueses, cobrindo áreas que vão da assistência médica ao apoio social, à atividade cultural e desportiva — e aqui gostaria de saudar a conquista do campeonato brasileiro pelo “Vasco da Gama”, clube tão querido dos portugueses.

Mas na área cultural é justo destacar no Rio de Janeiro, sem esquecer o Liceu Literário Português, o extraordinário acervo que constitui o Real Gabinete Português de Leitura. Fundado em 1837 por emigrados políticos liberais; o Real Gabinete constitui um pólo de união dos portugueses no Brasil e um pólo fundamental de irradiação da nossa cultura no país-irmão.

No dia 10 de junho, coincidindo com as grandes comemorações camonianas em Portugal, foi lançada a primeira pedra do maravilhoso edifício onde nos encontramos. E em 1887, na presença da Princesa Regente, procedeu-se à sua inauguração, com discursos dos dois grandes escritores Ramalho Ortigão, de Portugal, e Joaquim Nabuco, do Brasil.

A beleza deste edifício neo-manuelino, o seu riquíssimo acervo bibliográfico, de que se destacam a primeira edição de “Os Lusíadas” e o manuscrito do “Amor de Perdição”, o seu lugar no património histórico do Rio de Janeiro, não nos devem levar a esquecer que o Real Gabinete é hoje uma instituição viva: uma biblioteca, que é depósito legal português, dotada dos mais modernos sistemas informáticos de consulta, um conjunto multimídia, um gabinete de estudos animado por competentes lusófilos que editam uma importante revista, enfim, uma casa de cultura viva e atuante, agora ligada à Internet através do nosso Instituto Camões.

Por isso, eu vejo aqui, neste Real Gabinete Português de Leitura, o símbolo material do que a Comunidade Portuguesa deverá ser: — garante da tradição e aposta no futuro.

O futuro baseia-se na memória do passado, na nossa história e na nossa cultura.

Portugal orgulha-se do seu passado, dos seus valores, da sua História. E orgulha-se da contribuição fundamental que deu para o nascimento da grande nação brasileira: não só a descoberto, a colonização, o povoamento, o desbravamento do interior, a fixação de fronteiras; não só o estabelecimento

da Corte no Rio de Janeiro, decisiva para a formação do Estado brasileiro; mas, também, depois da Independência, o contributo de milhares de portugueses, trabalhadores, que vieram procurar nestas terras a melhoria da sua condição de vida e que contribuíram, decisivamente, para o progresso econômico e para o avanço do Brasil.

Como português e como Ministro do Governo, congratulo-me e orgulho-me ao ver tantos nossos compatriotas na charneira da construção do Brasil moderno.

É por isso que assinalar o Dia de Portugal, hoje, é mais do que assinalar um passado comum. O Dia de Portugal é também um momento para assinalar um futuro e expectativas que devem continuar a ser comuns a todos os portugueses, independentemente do local onde vivam.

Portugal entrou numa nova era. Hoje, pertencemos a um país que acredita no seu futuro. Os portugueses estão confiantes no dia de amanhã. Os objetivos conseguidos este ano são bem um exemplo disso.

Ainda há menos de um mês, mais precisamente no dia 22 de maio, na presença de majestades e de chefes de estado e de governo — onde também estava o Presidente do Brasil — foi aberta, em Lisboa, a última exposição mundial do século: a Expo-98. Uma obra que engrandece e enobrece Portugal e que, associada ao fato de no mesmo ano a cidade do Porto ser escolhida para capital europeia da cultura em 2001, conjuntamente com a cidade de Roterdão, é prova da capacidade e da vontade de um povo que, quando quer, vence.

A Expo-98, este sonho feito realidade, é bem o sinal da vitória da memória sobre o esquecimento, da determinação e da vontade sobre o pessimismo e o miserabilismo que muitas vezes se apoderam do nosso dia a dia e nos têm impedido de olhar em frente. Como, na oportunidade, salientou o Primeiro Ministro de Portugal, Eng. António Guterres, “na Expo-98 cruzam-se o nosso passado e o nosso futuro, juntos pelo tema unificador dos oceanos”. Os oceanos das navegações de quinhentos e seiscentos, da dispersão planetária da nossa língua e da nossa cultura; os oceanos do encontro e do diálogo transcontinental, mas também os oceanos infinitos e abertos às “novas utopias mobilizadoras” e entendidos como “uma aposta no futuro e na modernidade”.

O oceano que há quase quinhentos anos, sulcado pelas naus de Pedro Álvares Cabral, uniu Portugal ao Brasil, é o mesmo oceano que, neste virar do século, vai contribuir para o reforço da riqueza das relações existentes e as fortes potencialidades de desenvolvimento e de intercâmbio entre os dois povos.

Por isso, hoje, ao encarmos a celebração dos 500 anos do Brasil, orgulhamos de termos participado por tantas formas no erguer deste “impávido colosso” de que fala o hino brasileiro. Estaremos juntos a comemorar a chegada de Cabral. E estaremos juntos também a comemorar tanta memória comum que nos liga, esta grande Língua que nos une, estes laços de família que entre nós perduram e que a cada canto do Brasil nos chamam.

Portugal é hoje um país moderno. Porque também conseguiu inserir-se num dos mais importantes espaços econômicos do mundo — a União Européia — a maior zona econômica do mundo, com 31 por cento do produto interno bruto mundial. E também com a maior cota do comércio internacional, à frente dos Estados Unidos e do Japão. Portugal é um país onde, apesar dos seus problemas e desequilíbrios sociais, se registra um grande esforço de modernização e de melhoria a todos os níveis, onde os portugueses se vão sentindo cada vez melhor.

De um modo gradual, mas sólido, estamos de fato a efetuar reformas de fundo, construindo um país diferente e melhor para os portugueses: na segurança social e na educação, na saúde e na justiça, na política fiscal e na política ambiental, na administração pública e na segurança dos cidadãos.

Vivemos hoje num Portugal de que nos orgulhamos cada vez mais.

Portugal atravessa uma fase de brio e de orgulho nacional. Um sentimento que gostava que fosse alargado a todos os emigrantes, a todos os que, por diferentes razões, procuraram outros países para viver e que, nem por isso, perderam a sua identidade. As Comunidades Portuguesas podem esperar do Governo de Portugal um contínuo e permanente esforço de aproximação.

A Secretaria de Estado das Comunidades, e o seu titular Dr. José Lello de quem vos trago um grande abraço de solidariedade e amizade, tem trabalhado para que as Comunidades Portuguesas espalhadas pelos quatro cantos do mundo sejam olhadas de outra forma e para que os nossos emigrantes se sintam portugueses fora do território nacional.

O bom relacionamento entre os dois estados pode favorecer a Comunidade Portuguesa radicada no Brasil. E a este respeito permitam-me que refira, com grande satisfação, o bom clima das relações entre os dois países. Nunca foram tão boas as relações entre Portugal e o Brasil. As visitas ao Brasil do Presidente da República e do Primeiro Ministro e a presença do Presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de abertura oficial da Expo-98; os investimentos mútuos a nível econômico e as parcerias empresariais; o aprofundamento das relações culturais; o intercâmbio em várias áreas da administração e saúde, — são sinais claros do bom clima de confiança e de esperança.

A República Portuguesa e a República Federativa do Brasil podem e devem prosseguir e aprofundar estas experiências mutuamente enriquecedoras.

Portugal é hoje um país estável, integrado plenamente na União Européia e na primeira linha do euro. Apostado, igualmente, no aprofundamento das relações com uma outra comunidade de países de onde se destacam, em África, os países de Língua Portuguesa, e no Mercosul, o Brasil — uma comunidade de vários milhões de pessoas.

Portugal não é apenas simples acesso para a Europa, como o Brasil o não é no quadro do Mercosul. Mais que isso. São espaços propícios e potenciadores

de parcerias múltiplas, ambos com inúmeras oportunidades e importantes estímulos de atração mútua.

A organização da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) constitui, neste campo, um objetivo estratégico da política externa portuguesa, e porque assente em relações de tipo novo, é certamente um espaço privilegiado para o aprofundamento das relações multilaterais, políticas e econômicas, tecnológicas, científicas e culturais.

Neste mundo global e cada vez mais competitivo, Portugal e o Brasil só têm a ganhar se unirem esforços e energias para uma cooperação mais efetiva e reciprocamente benéfica, quer nos espaços nacionais, inter-regionais e internacionais. E neste aspecto particular todos os portugueses e luso-descendentes que vivem no Brasil podem e devem dar um grande contributo, como podem igualmente obter grandes benefícios de um forte intercâmbio entre Portugal e o Brasil.

Portugal orgulha-se do grande papel que teve na construção da grande nação brasileira. Mas Portugal orgulha-se, também, de poder constituir, hoje, neste mundo de globalização e da concorrência impiedosa, um parceiro empreendedor e moderno para o Brasil, dentro da União Européia. O investimento português ocupa, hoje, o sexto lugar entre os investidores estrangeiros no Brasil. Investimentos que vão desde a banca, à energia e telecomunicações, à pasta de papel ou às cadeias de distribuição, só para citar algumas dessas áreas.

Não temos, pois, que ter receio do futuro.

E neste desafio cumpre-nos também aprofundar o intercâmbio cultural, dando a conhecer os nossos autores, os nossos artistas, os nossos músicos, os nossos arquitetos, os nossos investigadores e cientistas, os novos portugueses que o Brasil ainda não conhece. E que melhor lugar do que este Real Gabinete, onde se faz uma ação séria e continuada a favor da nossa cultura, para lançar este apelo e agarrar este desafio?

Como atrás referi, não há futuro sem memória do passado, da nossa História, da nossa cultura.

Portugal e Brasil não têm que ter receio do futuro. O reforço da cooperação, alicerçada numa história e língua comuns, mas também numa vontade firme de aprofundar os laços de um intercâmbio bilateral e multilateral, sem preconceitos ou ressentimentos de qualquer ordem, só nos traz vantagens mútuas.

A Comunidade Portuguesa e Luso-Brasileira pode contar com a solidariedade do Governo Português. Em nome de Sua Excelência, o Primeiro Ministro, deixo-vos uma mensagem de confiança e de esperança no futuro. Portugal tudo fará para valorizar o passado comum, o enquadramento salutar das comunidades portuguesas nos países onde vivem, a credibilização dos nossos

emigrantes como agentes de progresso e riqueza nos países de acolhimento como também em Portugal. Para que todos possamos usufruir de um futuro estável, próspero e solidário.

Bem hajam.